

## Páginas de um hóspede da seda

Ainda temo muito a madrugada, quando desperto sozinho em meu quarto. Talvez seja esse o motivo de eu escrever. Fecho as minhas pálpebras, forçando-as em uma disputa acirrada para descobrir qual terá o vigor de um cadeado. Tudo isso para não sequer olhar de relance para o canto do cômodo, bem ali, onde fica a penteadeira, e reencontrar o tafetá esmeralda, esticado como se nada houvesse sob ele, mas que, eu sei, há; um mundo de fios do qual felizmente escapei.

Ali, estático, mas à espreita da oportunidade de ser visto e ver, sorrir e ganhar; e me aprisionar mais uma vez.

[...]

Uma das lembranças dessa minha mente é que eu passeava por uma das cinco de São Petersburgo; por qual, já não sei ao certo, mas daquela loja de tijolos não consigo me esquecer. A porta de madeira carcomida rangia no eixo e quase se soltou lá mesmo, em minhas mãos, assim que a empurrei para dentro do antiquário. O cômodo vasto jogava incontáveis bugigangas contra quem lhe acessava: bonecas de porcelana penduradas aos montes em prateleiras, estas, por sua vez, abarrotadas de chapéus, cachecóis, patinhos de madeira envernizados e outras quinquilharias.

Detrás de um balcão, quem eu suponho ter sido o dono da loja estava quieto, como se esperasse precisamente aquele momento por anos.

Fitei o senhor grisalho..., um russo de espírito alemão: fronte rubra, cabelos claros e aquele ar de dorzinha de dente que os germanos do nosso século têm, mas..., não sei, havia algo mais. Uma penumbra densa que repousava preguiçosa sobre ele e que tremeluziu ao me ver entrando naquele dia.

Acho que provei alguns chapéus, coloquei o capote de couro de castor e me senti esplendidamente seminovo. Não tinha – como ainda não tenho – dinheiro suficiente para desbravar as galerias da rua acima, então aquilo teria de bastar. Dirigi-me ao caixa e, pela primeira vez, notei a coisa. Diante do velhaco, um trapo de pano, enrolado de mal jeito, como se tivesse sido posto naquela posição despreziosa pela mais interessada das pretensões.

Sei que dei o dinheiro ao russo de ares sensíveis, botei as peças na mochila e dei as costas para o balcão, quando senti que algo segurava meu capote. Era o velho. Na mão esquerda, esticada em minha direção, o pano verde-esmeralda. *“Jogue essa coisa no lixo, por favor, meu jovem”* foram as palavras que ainda soam cristalinas no fundo da minha nuca e que saíram num jato da boca do velho. A situação me incomodava profundamente e aceitei de plano o pedido só para me retirar dali. No momento, pensei que o desconforto fosse apenas pela figura odiosa do dono da loja, mas agora sinto que, na verdade, o que eu mais queria era trazer o tafetá de volta para casa. E foi o que fiz.

As coisas começaram a acontecer na noite seguinte.

Já pendurado o chapéu e esticado o capote, deitei-me na cama, pus os óculos no nariz e enfrentei algumas páginas iniciais de um romance amarelo, de cujo enredo me esqueci poucas horas depois. O tafetá estava sobre a penteadeira, estranhamente revigorado. É claro que o lavei, assim como o capote, o que poderia ter ajudado a lhe devolver o brilho; contudo – e sei o quanto isto soa histérico – ele parecia feliz.

As páginas do livro saltaram uma após a outra, sobre as quais, porém, não estava nem um pingo da minha atenção. Eu não conseguia tirar os olhos dele. Levantei-me, joguei o livro no canto e peguei o tecido. À parte da bela tecelagem, o tafetá deveria ser absolutamente ignóbil, um dentre os milhares de panos semelhantes que importávamos dos arianos da Índia. Estendi-o na penteadeira, identifiquei o relógio e, como já era tarde, fui dormir.

Acordei às duas e essa é definitivamente a lembrança mais vívida que jamais terei daquela vida. Os olhos embaçados pelo torpor, caçando os óculos na mesinha de canto, até o momento que vi aquilo, dançando junto à vela que bruxuleava. O tafetá estava pendurado no teto, mas não era o mesmo tafetá de antes, não, estava impossivelmente comprido, vindo do topo do quarto e se acumulando no assoalho, ondas de seda, espumando uma luz roxa doentia.

Meu coração parou, mas as minhas pernas começaram a me carregar àquilo, eram elas transeuntes cheias de vontade própria. Cheguei no limite do quarto, de cara para o oceano esmeralda, e os meus braços se esticaram para a parte do tafetá que se sobrepunha. Assim que o abri, o peso de mil-sóis lilases caiu sobre mim e acordei na minha cama, ao começo da tarde do dia seguinte. Suava e me sentia fraco, exausto.

O tafetá incandescia, cheio de vida.

Isso foi se repetindo noite após noite. Perdi as contas de quantas vezes joguei o maldito pano pela janela, encharquei-o com conhaque para logo depois o ouvir estalar em chamas e o enterrei no canteiro atrás do meu apartamento..., tudo isso para, na mesma noite, ele reaparecer na penteadeira, abrindo-se para mim horas depois. Entretanto a última vez que o vi foi há cinquenta e dois dias, quando não fui eu quem abriu o tafetá. Bem, não fui eu à época, disso tenho certeza.

A madrugada chegou outra vez e, com ela, a luz arroxeadada. Mas eu ainda estava deitado e, por isso, não poderia ter aberto o tecido para ser alvejado como todas as noites. No canto do quarto, dentre as mechas de seda, saíram aqueles dedos pálidos e longos, tão longos que de início pensei serem raízes brotando do portal. Os braços da coisa alva terminaram em um tronco esquelético que, com a metade inferior ainda dentro do tafetá, voltou-se para mim. O que vi, Deus, não era bom nem mau, ele simplesmente era. A cara branca, sem olhos, retorcida em si mesmo, ficou lá parada, acho que me encarando, até que a luz se tornou insuportável e, pela primeira vez, eu despertei na tarde seguinte.

[...]

Hoje voltei à rua do antiquário e ao chegar lá nada havia, só um terreno seco e poeirento. Continuo regressando àquele lugar com o pretexto de descobrir o que era o tafetá, de onde ele veio e para onde foi...só que, para ser sincero, eu o quero de volta. Sinto-me cada vez mais cansado sem ele, sem a sua luz que me preenchia por inteiro e sem aquele homem de óculos, que conheci tão pouco antes de ele tomar o meu lugar.